

10

A produção escrita do aluno surdo na rede regular de ensino: um repensar sobre o processo avaliativo

The written production of deaf students in the regular education network: a rethinking about the evaluation process

Edilvânia Pureza Von Paumgarten de Aguiar

Universidad de La Integración de Las Américas

Escuela de Postgrado

Maestría en Ciencias da Educação

Minuta descritiva decorrente da pesquisa científica apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação
Curso de mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de la
Integración de las Américas
Orientador: Dr. Alderlan Souza Cabral

DOI: 10.47573/aya.5379.2.77.10

RESUMO

O presente estudo enfatiza a importância do acompanhamento de um educador comprometido com a educação que faça o papel de mediador do conhecimento do indivíduo surdo. Tendo como situação problema: Analisar o sistema educacional no qual o aluno surdo está inserido, observando as barreiras que eles enfrentam para desenvolver a estrutura formal da língua portuguesa, fato este, que se faz refletir acerca da necessidade de se rever as técnicas de avaliação da produção escrita do aluno surdo, já que seria injusto usar os mesmos critérios entre surdo e ouvintes. Diante disso procurou-se saber: Pergunta central: Como ensinar um surdo a ler e escrever se, muitas vezes, o próprio professor desconhece a primeira língua do surdo, que é a LBS, na escola em foco? Objetivo geral: Compreender elementos e estratégias para facilitar a aprendizagem acerca da importância da Língua Portuguesa na aquisição da linguagem oral, visual, espacial e escrita do aluno surdo. O processo metodológico deu-se de uma pesquisa exploratória descritiva com enfoque qualitativo. Os principais resultados apresentam que se precisa viabilizar um novo pensar sobre o processo inclusivo dos alunos não ouvinte, que os professores, através das estratégias de ensino aprendizagem, possibilite um leque de oportunidades, valorizando-o como um ser humano e como cidadão que precisa impor-se diante de uma sociedade que exclui aqueles que não têm as mesmas habilidades ditas “normais”.

Palavras-chave: inclusão. aluno surdo. interlíngua. bilinguismo. avaliação.

ABSTRACT

This study emphasizes the importance of accompanying an educator committed to education who plays the role of mediator of knowledge of the deaf individual. Having as a problem situation: To analyze the educational system in which the deaf student is inserted, observing the barriers they face to develop the formal structure of the Portuguese language, a fact that makes us reflect on the need to review the assessment techniques of written production of the deaf student, since it would be unfair to use the same criteria between deaf and hearing people. In view of this, we sought to know: Central question: How to teach a deaf person to read and write if, often, the teacher himself does not know the first language of the deaf, which is LBS, in the school in focus? general objective: To understand elements and strategies to facilitate the learning about the importance of the Portuguese Language in the acquisition of oral, visual, spatial and written language of the deaf student. The methodological process was based on a descriptive exploratory research with a qualitative approach. The main results show that it is necessary to enable a new thinking about the inclusive process of non-hearing students, that teachers, through teaching-learning strategies, provide a range of opportunities, valuing them as a human being and as a citizen who needs to impose face a society that excludes those who do not have the same so-called “normal” skills.

Keywords: inclusion. deaf student. interlanguage. bilingualism. Assessment.

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de um repensar sobre o processo avaliativo no que se refere ao comprometimento docente como mediador no atendimento para alunos não ouvintes, a pesquisa deu-se em uma escola pública do Estado do Amazonas/Brasil, no período de 2020-2021,

tendo como situação problema: Analisar o sistema educacional no qual o aluno surdo está inserido, observando as barreiras que eles enfrentam para desenvolver a estrutura formal da língua portuguesa, fato este, que se faz refletir acerca da necessidade de se rever as técnicas de avaliação da produção escrita do aluno surdo, já que seria injusto usar os mesmos critérios entre surdo e ouvintes. Pergunta central: Como ensinar um surdo a ler e escrever se, muitas vezes, o próprio professor desconhece a primeira língua do surdo, que é a LBS, na escola em foco?

Objetivo geral: Compreender elementos e estratégias para facilitar a aprendizagem acerca da importância da Língua Portuguesa na aquisição da linguagem oral, visual, espacial e escrita do aluno surdo, dessa escola, no período de 2020 a 2021.

Este artigo se justifica pelo fato de ser negado ao surdo a própria cidadania, privando-o de tomar conhecimento acerca de seus direitos quanto ao suporte necessário para que ele adquira a língua escrita do português brasileiro que é a sua segunda língua, assim como as metodologias usadas para que isso aconteça e a forma como tem acontecido o processo avaliativo de sua produção escrita não tem sido favorável ao desenvolvimento da aprendizagem desse aluno.

E para que ocorra o ensino-aprendizado desse estudante surdo, faz-se necessário a presença de profissionais capacitados para trabalhar com esses alunos em virtude de possuírem capacidades de adquirirem uma segunda língua meio de metodologias adequadas à sua necessidade. O que resultará no progresso desses alunos, assim como o dos alunos ouvintes, e melhor atuação deles na sociedade em que vivem.

IMPOSSIBILIDADE OU DIFICULDADE DE OUVIR E A ESCRITA

Antes de adentrar na aquisição da escrita da língua portuguesa ao aluno surdo, ressalta-se um breve comentário sobre o conceito de surdez e seus tipos. Segundo o Ministério da Saúde (2012) no portal da saúde brasileira, surdez é o nome dado à impossibilidade ou dificuldade de ouvir. E a audição, por sua vez, trata-se de um sistema de canais que leva o som à área interna do ouvido, que por sua vez transforma as ondas sonoras em estímulos elétricos que são encaminhados ao cérebro, o qual é ir a reconhecer e identificar o que se ouve.

A seguir se terá os tipos de surdez que são detectados numa pessoa segundo o Ministério da Saúde Brasileira (2012):

Ligeira:

A palavra é ouvida, contudo certos elementos fonéticos escapam ao indivíduo. Este tipo de surdez não provoca atrasos na aquisição da linguagem, porém há dificuldades em ouvir uma conversa normal.

Média:

- a palavra só é ouvida a uma intensidade muito forte;
- dificuldades na aquisição da linguagem;
- perturbação da articulação da palavra e da linguagem;
- dificuldades em falar ao telefone;
- necessidade de leitura labial para a compreensão do que é dito.

Severa:

- a palavra em tom normalmente não é percebida;
- é necessário gritar para ter sensação auditiva;
- perturbações na voz e na fonética da palavra;
- intensa necessidade de leitura labial.

Profunda:

- nenhuma sensação auditiva;
- perturbações intensas na fala;
- dificuldades intensas na aquisição da linguagem oral;
- adquire facilmente Língua Gestual.

Cofose:

Surdez completa; ausência total do som.

Causas: a surdez de condução é provocada pelo acúmulo de cera de ouvido, infecções (otite) ou imobilização de um ou mais ossos do ouvido. O tratamento é feito com medicamentos ou cirurgias; a surdez de cóclea ou nervo auditivo é desencadeada por: víruses, meningites, uso de certos medicamentos ou drogas, propensão genética, exposição ao ruído de alta intensidade, (provocada pela idade), traumas na cabeça, defeitos congênitos, alergias, problemas metabólicos, tumores. O tratamento é feito com medicamentos, cirurgias, uso de aparelho. (MSB, 2012)

Outros fatores que podem provocar surdez:

- Casos de surdez na família;
- nascimento prematuro;
- baixo peso ao nascer;
- uso de antibióticos tóxicos ao ouvido e de diuréticos no berçário;
- infecções congênitas, principalmente, sífilis, toxoplasmose e rubéola.

Prevenção nas gestantes, doenças como sífilis, rubéola e toxoplasmose podem provocar a surdez nas crianças. Por isso, faz-se necessário a orientação médica pré-natal. Mulheres devem tomar a vacina contra a rubéola antes da adolescência, para que durante a gravidez estejam protegidas contra a doença; teste da orelhinha: exame feito nos recém-nascidos permite verificar Surdez. (MINISTÉRIO DA SAÚDE BRASILEIRA, 2012)

Cada vez mais pessoas inaudíveis buscam seu lugar na sociedade, para isso elas buscam superar suas limitações, e é através da escola junto à família que essas pessoas serão preparadas para atuar como cidadãos que possuem direitos amparados na lei. Sendo assim, há necessidade do sistema de ensino se reorganizar para mediar esse público com a sociedade.

Se tem um aumento do número de alunos não ouvintes e outros com outras deficiências nas escolas regulares, pois estes discentes que outrora eram isolados em seu domicílio, até mesmo por uma questão de proteção da família, porque eram excluídos pela sociedade, pelo fato de serem vistos como incapazes de adquirir conhecimento e de socializarem com outras pessoas. Mas estes alunos quando chegam à escola, demonstram a mesma capacidade de aprender que os alunos ouvintes. Todavia se esbarram a despreparo da escola e dos docentes para com eles.

Diante disto a escola precisa desenvolver ações pedagógicas que contemplem esse público em todos os níveis da educação básica, pois cada estudante deve ser trabalhado de forma que suas necessidades individuais sejam consideradas, mesmo que a escola encontre dificuldades a serem superadas quando se trata de inclusão.

A aquisição da língua de sinais dos surdos filhos de pais ouvintes não é tão “natural” quanto a aquisição dos surdos filhos de pais surdos. Como é uma língua não dominada pelos pais, só pode ser adquirida em ambientes institucionais: escola, clínicas e locais que oferecem atendimento especializado. Dessa forma, muitas vezes a criança só tem contato com a língua de sinais em idade avançada. (SANTANA 2007).

Ressalta ainda SANTANA (2007, p.10 *apud* BENASSI, 2005), que aprender uma língua em uma instituição não é o mesmo que vivenciá-la em uma comunidade, e em práticas diversificadas, por exemplo, sendo assim, os alunos surdos não possuem as mesmas chances de aprender a sua língua materna de forma natural, como os alunos ouvintes aprendem a língua portuguesa, onde as ocasiões as quais eles fizerem parte, possibilitem com que usem língua visual-espacial naturalmente.

Fato este que é percebido quando os alunos não ouvintes chegam à escola sem conhecer a língua de sinais brasileira, assim como seus professores que não a conhecem. Todo deficiente auditivo possui o direito de receber uma educação que garanta sua formação, onde BRASIL (2005, p. 15 *apud* BENASSI, 2005) informa que a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, preferencialmente na modalidade escrita, constituam línguas de instrução, e que o acesso às duas línguas ocorra de forma simultânea no ambiente escolar, colaborando para o desenvolvimento de todo processo educativo. Essas duas línguas têm estruturas gramaticais muito diferentes uma da outra e o aluno surdo precisa adquiri-las, simultaneamente, de forma que a sua primeira língua facilitará sua leitura e sua escrita na sua segunda língua.

Inclusão de alunos não ouvintes no processo educacional

Para que o processo de inclusão aconteça nas escolas, os estabelecimentos de ensino e os profissionais da educação precisam estar preparados para receber os alunos surdos, os quais são alvos dos estudos em pauta. Mas a realidade mostra a quase ausência de professores que tenham interesse de exercer essa função com os alunos desprovidos de audição, assim como falta de cursos a serem ofertados para o professor da educação básica para que este se profissionalize e atenda melhor os alunos surdos.

A proposta didático-pedagógica para se ensinar português escrito para os alunos com surdez orienta-se pela concepção bilíngue- LIBRAS e Português escrito, como línguas de instrução destes alunos. A escola constitui o lócus da aprendizagem formal da língua Portuguesa na modalidade escrita, em seus vários níveis desenvolvimento. Na educação bilíngue os alunos e professores utilizam as duas línguas em diversas situações do cotidiano e das práticas discursivas. (ALVEZ, Carla; FERREIRA, Josimário, 2010 p.18 e BENASSI, 2005)

Os surdos fazem parte de uma comunidade a qual possui uma cultura e uma língua, e as duas línguas não permitirá que o surdo deixe de ter sua identidade e de se comunicar com sua comunidade por meio da língua gesto-visual; e MEIRELLE; SPINILLO (2004, p.02 *apud* BENASSI, 2005) acrescentam que ao mesmo tempo, permite que o surdo não se distancie da comunidade de ouvintes (através [sic] da língua oral), ampliando, assim, seu universo de interação.

De modo que o aluno surdo ao ser inserido no ensino regular, seja conduzido ao bilinguismo para que esse possa ser firmado como sujeito ativo e reflexivo, fazendo uso da - Língua de Sinais, sem, contudo, deixar a comunidade dos ouvintes, pelo fato do estudante surdo necessitar de convivência com os ouvintes para sua interação com estes.

O aluno surdo vive diariamente desafios para poder ser inserido na sociedade a qual faz

parte, e um deles é a capacidade de lidar com o preconceito de que lhe é atribuído a incapacidade de aprender. As pessoas olham o surdo como alguém com dificuldade de aprender, além de serem vistos como sujeitos que se comunicam de forma truncada e que possuem um atraso na mente por isso são impossibilitados de se desenvolver, fato este que os restringem a certos lugares. Isso tudo lhe é imposto erroneamente pela sociedade por causa da surdez.

O preconceito marca também as formas de se pensar a surdez, ao longo da história. Durante séculos os surdos foram vistos como seres sem alma, intelectualmente incapazes, chegando em algumas culturas a serem condenados à morte. A visão biológica e patologizante da surdez impede que se veja o indivíduo surdo como normal, ideia que infelizmente ainda prevalece em nossa sociedade. A ignorância sobre os fenômenos – tanto das afasias quanto da surdez – leva muitas pessoas a pensarem que os sujeitos, porque não falam a língua da maioria, com os mesmos recursos das línguas orais, têm também limites cognitivos. Em função disso, estes sujeitos são excluídos dos círculos sociais (VALIANTE, 2009:60-62 *apud* NADER, Júlia, 2011, p. 2).

Através da linguagem, a pessoa se constitui como sujeito ativo de um mundo que faz uso de símbolos para se comunicar. Assim atribui Lacerda (1998:77 *apud* NADER, 2011, p. 5) que objetivo da educação bilíngue é que a criança surda possa ter um desenvolvimento cognitivo-linguístico equivalente ao verificado na criança ouvinte, e que possa desenvolver uma relação harmoniosa também com ouvintes, tendo acesso às duas línguas: a língua de sinais e a língua majoritária. Para esse suporte há grande necessidade de profissionais capacitados para trabalharem com surdos.

Esse tipo de formação para docentes demanda tempo, além de serem escassos os cursos de LIBRAS que, como esclarece LACERDA (et al, 2008; SANTOS, 2007 *apud* NADER, Júlia, 2011, p. 6) vão além do ensino de um restrito vocabulário e são capazes de formar professores proficientes. Assim como também são poucos os professores que atuam nestas áreas que possuem uma expressiva formação na área de linguagem para trabalharem com o componente curricular língua portuguesa com alunos surdos, no que tange a modalidade escrita da língua.

O papel da família é fundamental para diagnosticar o problema da surdez o mais cedo possível para que a criança receba ajuda especializada necessária e comece o processo de bilinguismo na escola.

A surdez se tornou um tema relevante de pesquisa no Brasil no final dos anos 1980. Antes disso, ela era estudada essencialmente pela área médica. De lá para cá, há mudanças significativas no tratamento do assunto, iniciadas com estudos nas áreas da educação, da linguística, da medicina e, mais recentemente, da fonoaudiologia. Cada área passou a preocupar-se com determinados aspectos da surdez: a escrita, a audição, a língua de sinais (*stricto sensu*), a fala, a eficácia de novos dispositivos eletrônicos e a correlação anátomo-fisiológica entre linguagem/cérebro. Temos, como consequência dessas pesquisas, um estudo fragmentado da surdez, que se revela também nas abordagens terapêutico-educacionais. [...] (SANTANA, 2007, p. :233 *apud* NADER, Julia, 2011, p. 11),

Como bem cita NADER (2011, p. 20) o cérebro divide-se em dois hemisférios - direito e esquerdo, respectivamente tratados como HD e HE. Estes apresentam, por sua vez, quatro lobos principais: frontal, parietal, temporal e occipital. As figuras 4 e 5 ilustram a 21 distribuição dessas regiões e também as áreas postuladas por Broca e Wernicke, áreas onde funcionam a linguagem.

Outro estudioso como Rodrigues (1993:15 *apud* NADER, Júlia, 2011, p. 32) discute a relação entre maturação cerebral e surdez. O autor afirma que, na falta de um dos sentidos (audição, visão etc.), “a natureza trata de desenvolver mais os sentidos restantes”. Ele também

relata que crianças que não ouvem, sendo filhas de pais surdos que usam a L1 como linguagem, possuem o córtex auditivo adaptado para realizar conteúdos visuo-espaciais.

Segundo CORREA (2006 *apud* NADER, 2011, p. 29),

Cognição deriva do verbo originado do latim *cognoscível* (conhecer) e seria tudo o que está relacionado com aquisição, manutenção, recuperação e uso do conhecimento. Os sistemas cognitivos seriam, de acordo com a autora, percepção, memória, atenção, categorização, raciocínio, resolução de problemas, tomada de decisões, habilidades linguísticas, dentre outros, inclusive crenças e conceitos. Trata-se de uma conceituação bastante geral, um termo “guarda-chuva”, sob o qual se abrigam diferentes processos.

Essa concepção vê o desenvolvimento, assim como a maturação, essencial à aprendizagem. Com isso se estende a importância da aprendizagem para desenvolvimento do aluno.

Há mudanças significativas quando o indivíduo começa a dominar a língua, pois esta apresenta duas funções de uso que são paralelas: a função social e a função cognitiva. Acrescente-se, ainda, que há um pensamento verbal e um pensamento prático, e este último não mantém relação direta com a fala. O surdo, mesmo sem língua, não estaria impedido de pensar. Há outros mecanismos de significação além da linguagem oral (SANTANA, 2007:207-208 *apud* NADER, Júlia, 2011, p. 48).

Vygotsky (1933/2006 *apud* NADER, 2011, p. 49) mostra que existem dois níveis de desenvolvimento: (i) o nível do desenvolvimento efetivo da criança, ou seja, o nível de desenvolvimento das funções psicointelectuais da criança, obtido como resultado de um processo específico de desenvolvimento já realizado. Ou seja, a criança fazendo naturalmente. Que o autor chama de “nível de desenvolvimento real”.

A tarefa realizada por intermédio de um adulto e a tarefa que a criança consegue desenvolver sozinha determina o nível desse desenvolvimento que VYGOTSKY (1995 *apud* NADER, 2011) chama de área de desenvolvimento potencial da criança, também chamada “zona de desenvolvimento proximal”. Como bem explica CAMARGO (2010, p. 7 *apud* NADER, 2011).

[...] trata do recorte de mundo feito para os “deficientes”, tanto por sua família como pela sociedade. O autor mostra que o que constitui as crianças com deficiência como sujeitos são as significações feitas pelas pessoas de seu convívio social. Vygotsky interpretava o desenvolvimento cognitivo como resultado de um processo dialético, onde a criança aprende através de experiências de soluções de problemas compartilhadas com outras pessoas da sociedade, como os pais, professores, irmãos ou colegas. É, em primeiro lugar, através da fala que os adultos transmitem às crianças grande parte do conhecimento que existe na sua cultura. (VYGOTSKY (1995, *apud* NADER, 2011)

Segundo ROGOFF (1990 *apud* NADER, 2011) o desenvolvimento, portanto, consiste em uma internalização gradual, fundamentalmente através da linguagem, para moldar a adaptação cultural considerando-se que o desenvolvimento é decorrente do aprendizado e ambos acontecem por meio da mediação, na relação com o outro ou em contato com objetos e signos culturais. Acrescenta CAMARGO (2010, p. 6 *apud* NADER, 2011) que as funções mentais superiores, e entre elas a linguagem, vão sendo construídas ao mesmo tempo em que vão constituindo o sujeito nas relações sócio-históricas. Sendo assim, a aquisição da linguagem, mesmo tarde, é de extrema imprescindível ao desenvolvimento da mente dos alunos surdos.

A Língua Brasileira de Sinais possui requisitos para ser reconhecida como a língua natural dos surdos. Pois se refere da língua usada por uma comunidade (a comunidade surda e seus interlocutores ouvintes), por sua constância, por seu sistema sócio histórico, além de responder aos anseios de seus utilizadores nos mais variados contextos, amplificando e atualizando seu

léxico, sendo este sistema dinâmico.

Quanto mais cedo a criança adquirir a língua de sinais, melhor será seu desempenho escolar e logrará êxito em seu desenvolvimento. Por isso que a língua viso-espacial é indispensável à cognição dos alunos surdos. Segundo FÁVERO, (2006, p.228 *apud* NADER, 2011) a LS traz vantagens à memória, à atenção e aos esquemas espaciais, se comparada com crianças ouvintes da mesma idade. Essa língua espacial-visual é classificada como ágrafa por não possuir um método de escrita. Assim como toda criança precisa ser inserida num ambiente linguístico para se tornar falante, a criança surda também deve participar de ambientes que ela possa desenvolver o bilinguismo.

[...] havia uma crença hegemônica de que, como não poderiam falar, não desenvolveriam linguagem, não tinham pensamento e, portanto, seriam inábeis para a aprendizagem formal. Todos os esforços eram na tentativa de levar o surdo a falar, transformando-o em um ouvinte que não escuta. E Oralismo possibilitaria a integração da criança surda na comunidade de ouvintes. Além disso, para qualquer tentativa de uso de sinais ou gestos, havia severas punições. Após muitos anos de domínio no mundo, o Oralismo declinou. (SANTANA, Lucinéia, p.492, 2015)

Os estudos de William Stokoe (1960 *apud* SANTANA, 2015) comprovaram que a língua de sinais americana é uma língua com todas as características das línguas orais. Muitas pesquisas começaram a ser desenvolvidas em todo mundo e as línguas de sinais ganharam estatuto de língua. Foi nesse contexto que a Comunicação Total apareceu, pois se trata de uma abordagem mista, onde a comunicação se dá de forma oral e manual, que muito bem explica Goldfeld (2002 *apud* NADER, 2011), eram permitidos os mais diversos meios de comunicação: sinais da língua de sinais, leitura orofacial, mímica, pantomima, alfabeto digital, expressão corporal e facial, treinamento auditivo, desenho, fala, leitura e escrita, aparelhos auditivos bianuais para amplificação sonora. Essa abordagem não proporcionava a fluência da língua oral, mas fazia com que aumentasse o léxico do Português.

A abordagem total é diferente das outras abordagens já citadas neste trabalho, pois segundo SANTANA, (2015) não concebe o surdo como um deficiente, mas como um ser diferente que pode aceitar e assumir sua surdez. [...]. Para Sanches (1993), a língua oral deverá ser adquirida apenas na modalidade escrita, já que a língua falada envolve recursos orais e auditivos, dificultados por sua perda auditiva.

O que se percebe nas escolas regulares é que os docentes de língua portuguesa não enfatizam a língua materna dos surdos, pois fazem uso de metodologias baseadas na oralização e muito menos sinalizam as distinções linguísticas da língua dos surdos, o que comprova que os surdos de hoje vivem os mesmos problemas dos surdos do passado só que de maneira disfarçada.

A LIBRAS possibilita os alunos surdos operarem nas práticas discursivas, ampliando seu conhecimento de mundo e de sua língua mãe. Como acrescenta PEREIRA (2011, p. 611) relativamente à aquisição da língua portuguesa, o conhecimento de mundo e de língua, elaborado na língua de sinais, vai permitir que as crianças surdas vivenciem práticas sociais que envolvem a escrita e, deste modo, constituam o conhecimento da língua.

Para que a criança surda possa internalizar aquilo que lê ou vê é preciso que ela compreenda o que está escrito e o que é dito, ao compreender poderá atribuir o verdadeiro significado as palavras que são escritas e/ou faladas, tendo início ao processo da aquisição da linguagem.

Para trabalhar a LIBRAS, com os surdos, Quadros & Karnopp (2004, p. 57) procuraram delimitar um espaço de que pudesse ser desenvolvido um enunciado, tal espaço ficou conhecido como o “espaço da enunciação que é uma área que contém todos os pontos dentro de um raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados”, para que o surdo compreenda o que esteja sendo falado pelas pessoas que estão em seu convívio.

A comunicação entre o ouvinte e o surdo será efetivada caso o falante da língua portuguesa esteja ao alcance visual do surdo, para que este possa interpretar o que está sendo falada através de sinais ou até mesmo para que o surdo possa fazer uma leitura labial do emissor quando este último é oralizado, por isso, que a criança surda quando é incluída no ensino regular passa a ter um acompanhamento de um professor itinerante, como é conhecido o professor que presta assistência aos alunos surdos na escola regular de ensino. O professor itinerante tem de estar interagindo com toda a situação do aluno surdo de vivência no processo de ensino-aprendizagem. Esse acompanhamento tem como principal enfoque facilitar a compreensão por parte do aluno surdo ao receber os conhecimentos ministrados pelo professor em sala de aula.

Para que a criança surda mantenha a comunicação com os ouvintes faz-se necessário que o receptor da mensagem articule pausadamente as palavras para que o seu interlocutor surdo possa compreender melhor a mensagem, visto que, a palavra é um elemento básico da linguagem sem ela não poderia haver uma compreensão do contexto, pelo fato, de a enunciação verbal ou gestual ser necessária para expressar determinado conteúdo da comunicação.

Enquanto o educando adquire conhecimento, e desenvolve habilidades e hábitos, podem desenvolver também convicções morais, sociais, políticas, metodológicas que servirão de sustentáculo na sociedade. Ser o mediador desse processo do conhecimento, para os alunos surdos é um desafio para qualquer educador, desde o educador familiar, assim como, o educador da rede regular de ensino e de instituições especializadas em línguas de sinais.

É fundamental que as escolas garantam a aprendizagem dos alunos não ouvintes, pois se trata dos direitos deles assegurados em lei, para isso exige circunstâncias práticas para que a instituição obedeça a seu papel de construir os conhecimentos científicos estabelecidos socialmente como essenciais à sociedade.

É de responsabilidade também do Poder Público fomentar a formação e a capacitação de professores bilíngues para apoiar na inclusão social e escolar dos estudantes surdos.

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

A pesquisa foi realizada em uma escola pública do estado do Amazonas/Brasil, no período de 2020-2021, trata-se de um enfoque qualitativo com o tipo de pesquisa exploratório descritivo. A coleta de dados teve como base fontes secundárias a partir de trabalhos publicados em revistas científicas, livros, teses, dissertações e artigos científicos. E entrevistas com os professores e alunos.

A técnica utilizada na pesquisa foi o questionário, o qual é um dos instrumentos mais usados para se obter informações. Trata-se uma técnica de baixo custo, contém as mesmas perguntas para todas as pessoas, guarda o sigilo do nome do entrevistado e contém as questões que atendam às necessidades específicas de uma determinada pesquisa.

Foi aplicado um questionário aos alunos surdos contendo 10 questões abertas direcionadas a eles e 10 questões abertas direcionadas aos professores de Língua Portuguesa. Em um outro momento, foi trabalhado com a turma do 8ºano -1, matutino, pela pesquisadora o gênero textual Histórias em Quadrinhos, bem como suas características, sua função e modelos. Em seguida foi desenvolvido o tema: Belezas e riquezas naturais da Amazônia. Depois de muito explorado o tema, foram distribuídos papéis ofícios iluminados a todos os alunos. Em seguida foi revisado o gênero Histórias em Quadrinhos e foi proposto aos alunos que construíssem a sua própria história em quadrinhos com base no tema trabalho na aula.

Observou-se uma grande participação da turma e um maior interesse do aluno surdo presente pela aula. A turma se sentiu motivada e cheia de ideias para desenvolver. O que, de certa forma, envolveu esse aluno surdo em construir a sua história em quadrinhos. E as dúvidas eram tiradas individualmente com os alunos, inclusive foi contado com o apoio da professora de língua portuguesa para auxiliá-los.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Organização dos resultados

Ao se acompanhar as aulas dos professores de língua portuguesa na escola foco desta pesquisa, foi observado que a metodologia adotada para avaliar a produção escrita dos alunos surdos por esses professores, sendo que os professores não fazem diferença em suas avaliações, porque, segundo eles, os alunos surdos devem aprender e praticar a norma culta da língua portuguesa por meio da escrita.

Como consequência dessa maneira de avaliar a produção escrita dos estudantes surdos, tem refletido no processo de ensino-aprendizagem desses alunos, tendo em vista que esses alunos não possuem memória auditiva, tendo como língua materna a língua visuo-espacial. Precisa-se ter como ponto de partida a LIBRAS para se alcançar a língua alvo que é a língua portuguesa.

E foi percebido nas observações deste trabalho que a escola não busca atender os alunos surdos conforme suas especificidades para que estes recebam o atendimento necessário para que desenvolvam suas capacidades cognitivas, pois a Avaliação faz parte do processo da aprendizagem e a melhor maneira de se avaliar de forma justa a produção escrita desses alunos seria assegurá-los o que está no Decreto Federal Decreto Federal 5626/2005 (*apud* FERNANDES, 2012, p. 9).

Avaliação dos resultados

Dentro desta pesquisa foi investigado os critérios avaliativos dos professores de língua portuguesa quanto à produção escrita do aluno surdo e se esses critérios estão contribuindo no processo de ensino-aprendizagem destes alunos.

Foi verificado que há uma preocupação por parte dos educadores quanto à aquisição da linguagem dos alunos surdos, posto que estes precisam, como foi visto anteriormente, de mais tempo didático para adquirir conhecimentos, pelo fato de não possuírem memória auditiva, pois

necessitam de uma assistência redobrada, diante disto, espera-se todo tempo chegar um professor itinerante, para os auxiliá-los na transmissão e compreensão dos conteúdos.

No decorrer da pesquisa observou-se que os professores de língua portuguesa têm parcialmente conhecimento da LIBRAS, porém quando se trata de metodologia, deixam lacunas no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo, pelo fato de não buscarem alternativas para inovar suas aulas, mas, existem professores entrevistados que já trabalham com uma variação metodológica para avaliar a produção textual da criança surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo proporciona uma reflexão acerca da educação dos alunos surdos no Brasil, mais especificamente na cidade de Manaus-AM/Brasil. A temática viabilizou um norte de como o professor de Língua portuguesa precisa trabalhar na prática sua disciplina quando se tem alunos não ouvintes, pois os educadores precisam perceber que para se fazer parte de uma escola inclusiva é necessário bem mais que apenas boa vontade, precisa-se aceitar a multiplicidade de fatores presentes em sala de aula. A consciência quanto ao papel de mediador do conhecimento e utilizando a mediação, para formar cidadãos capazes de se desenvolver como pessoa humana e prepará-los para o mercado de trabalho como a própria legislação do país assegura. O educador precisa de estratégias de ensino que possam favorecer o entendimento do seu aluno, buscando recursos para que esse aluno sinta confiança em desenvolver sua escrita. O professor deverá diagnosticar as preferências do aluno e daí por diante explorá-lo utilizando recursos como colagem, desenho, pintura, representação teatral, naquilo que seu aluno demonstrou ter maior habilidade.

Ressalta-se que o educador deve promover em suas metodologias situações inovadoras e estratégias que motivem e envolva os alunos não ouvintes nas aprendizagens. Pequenas mudanças fazem um elo significativo entre professor e aluno, rompendo com as barreiras de acesso à aquisição do conhecimento da escrita e da leitura, interagindo com o mundo, construindo, desta maneira uma aprendizagem justa e democrática ao aluno com surdez.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, Carla Barbosa. FERREIRA, Josimário de Paula. Damázio, Mirlene Macedo. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: Abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez. Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação. Brasília. 2010.

BENASSI, C. A. Configuração manual e alfabeto manual de Machado e Benassi 2014: a primeira monografia de pós- graduação lato senso do Brasil em ELiS. Palestra proferida no 2o Encontro de Estudos Linguísticos e de Letramento, 2o EGELL, Cuiabá: UFMT, 2005

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dez. 2005. Presidência da república, Casa Civil, Brasília, DF, 22 de dez. 2005

CAMARGO, Orson. Colaborador Brasil Escola, 2010.

CORREA, L.M.S. Língua e Cognição: Antes e depois da revolução cognitiva In: GUIMARÃES, E (ed.).

Introdução às ciências da linguagem: linguagem historia e conhecimento. Campinas: Editoras pontes, no prelo, 2006

FÁVERO, M. L.A. Vinte e cinco anos de reforma universitária: um balanço. In: MOROSINI, M. C. (Org.) Universidade no Mercosul. São Paulo: Cortez, 2006, p 149- 177.

FERNANDES. Sueli. Educação de surdos. 1ª ed. Curitiba: Intersaberes, 2012. 141 p.

GOLDFELD, Marcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva

LACERDA, Cristina. B.F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos. Cadernos CEDES, vol. 19, n. 46, Campinas, setembro, 2008.

MEIRELLE, Viviane. SPINILLO, Alina Galvão. Uma análise da coesão textual e da estrutura narrativa em textos escritos por adolescentes surdos. Universidade Federal de Pernambuco. 2004.

NADER, Júlia Maria Vieira. AQUISIÇÃO TARDIA DE UMA LÍNGUA E SEUS EFEITOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DOS SURDOS. 2011.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Aquisição da língua portuguesa escrita por crianças surdas. Anais do SIELP. Volume 1, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2011

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

Rodrigues, N.. Neuropsicologia: uma disciplina científica. Em: Rodrigues, N. & Mansur, L. L. (Eds.). Temas em neuropsicologia, 1, 1-18. São Paulo: Tec Art, 1993.

Rogoff, B., Topping, K., Baker-Sennett, J., & Lacasa, P. (no prelo). Mutual contributions of individual, partners, and institutions; planning to remember in Girl Scout Cookie sales. Social Development, 1990

SANTANA (2007, p.10 apud SANTOS e BENASSI, 2005)

SANTANA, Ana Paula. Surdez e linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTANA, da Silva Lucinéia. Aquisição da Língua Escrita pelo Surdo: Um processo a ser questionado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), 2015.

SANTOS, Genivaldo Oliveira; OLIVEIRA, Rozilda Ramos dos Santos. Comunidade surda: a importância da inserção da LIBRAS na sociedade brasileira. Publicado em 01 de fevereiro de 2007.

sociointeracionista. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

STOKOE, W. Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language. Maryland: Linstok Press, 1960.

VALIANTE, Juliana Brazolin Gomes. Língua Brasileira de Sinais: Reflexões sobre sua oficialização como instrumento de inclusão de surdos. Tese (Doutorado)-São Paulo: UNICAMP. Programa de Pós Graduação em Educação, 2009.

VYGOTSKY, L.S. Obras Escogidas, Vol. III. Madrid: Visor, 1995.